

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE V)**  
**6 e 20 de junho de 2025**

**BLACK FURY / 1935**  
(*Fúria Negra*)

*Um filme de Michael Curtiz*

*Realização:* Michael Curtiz / *Argumento:* Abem Finkel e Carl Erickson, baseado numa história original, *Jan Volkanik*, do juiz M. A. Musmanno e na peça *Bohunk* de Harry R. Irving / *Montagem:* Thomas Richards / *Direção Artística:* John Hughes / *Direção de Fotografia:* Byron Haskin / *Produção:* First National Pictures / *Interpretações:* Paul Muni (Joe Radek), Karen Morley (Anna Novak), William Gargan (Slim), Barton MacLane (McGee), John Qualen (Mike), J. Carrol Naish (Steve), Vince Barnett (Kubanda), Tully Marshall (Poole), Henry O'Neill (Hendricks), Joseph Crehan (Farrell), Mae Marsh (Mrs. Mary Novak), Sara Haden (Sophie Shemanski), Willard Robertson (Mr. J. J. Welsh), Effie Ellsler (Bubitschka), Wade Boteler (Mulligan), Egon Brecher (Alec Novak), G. Pat Collins (Lefty – Company Policeman), Ward Bond (Mac – Company Policeman), Akim Tamiroff (Sokolsky), Purnell Pratt (Henry B. Jenkins), Eddie Shubert (Butch) / *Cópia:* 35mm, a preto-e-branco, falado em inglês com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 95 minutos / *Estreia Mundial:* 10 de abril de 1935, Nova Iorque / *Estreia Nacional:* 25 de fevereiro, 1937 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

\*\*\*

Os vários documentários produzidos durante o período do New Deal por cineastas tais como Paul Strand e Leo Hurwitz ou ficções como **Matewan** (1987) de John Sayles atestam de maneira perturbante o grau de violência do combate levado a cabo por trabalhadores norte-americanos, operários fabris e mineiros, contra a exploração a que estavam sujeitos por um patronato com pouca ou nenhuma sensibilidade social. Invariavelmente, lá estão os braços armados dos industriais, muitas vezes membros da polícia, a dispersar a multidão de grevistas tirando partido da força bruta, com tiros e bastonadas aplicados indiscriminadamente em quem exerce o seu direito ao protesto. O filme de Michael Curtiz, cineasta que associamos ao período “escaldante” do “pre-code” e que, uma vez saído desse contexto, continua a revelar uma particular flama política, é um objeto surpreendente para o seu tempo, de tal maneira que foi banido em alguns estados (e nalguns países fora dos Estados Unidos), por exemplo no estado onde a ação decorre, especificamente numa “Coal Town” em Pittsburgh, Pensilvânia, reconstruída em estúdio de maneira sumptuosa. A crítica muito elogiosa do *New York Times*, assinada por Andre Sennwald, dá conta da audácia de Curtiz: “Quando percebemos que **Black Fury** foi considerado pela Comissão Estatal de Censura como um documento social incendiário e que foi proibido em vários sectores, devemos compreender que a Warner Brothers demonstrou quase uma ousadia temerária ao produzir o filme”.

Este pedaço flamejante de realismo social ou “drama sociológico”, para citar de novo Sennwald, aparece secundado por um caso real, algo não muito usual na Hollywood dos anos 30, apesar das conhecidas – e controversas – preocupações realistas acalentadas pelos estúdios da Warner Brothers: o assassinio do trabalhador polaco, mineiro do carvão, John Barcoski, caído às mãos da Coal and Iron Police em fevereiro de 1929. O político e jurista Michael Musmanno indignou-se com o caso, tendo proposto um projeto de lei para banir essa força policial privada. Devido ao veto do governador republicano John Stuchell Fisher, Musmanno apresentou a demissão e, como

corolário, escreveu o livro *Jan Volkanik*. Esta história esteve na base de **Black Fury**, em que a morte selvática do mineiro Mike precipita um ato de desespero, mas de estrondoso efeito político, em Joe Radek, homem simples e folgazão que se vê arrastado para a luta sindical depois de abusar da bebida e de o seu coração ter sido despedaçado pela sua amada Ana Novak, que o trocou por um polícia. A dar rosto ao involuntário “líder socialista” da causa dos mineiros de Pittsburgh está Paul Muni, ator conhecido do grande público e reconhecido pela generalidade da crítica desde as suas interpretações em **Scarface** (1932) de Howard Hawks e, especialmente, em **I Am a Fugitive from a Chain Gang** (1932), de Mervyn LeRoy, obra de denúncia que visava o sistema de *chain gang*, em que grupos de prisioneiros eram agrilhoados e unidos uns aos outros por uma corrente e, com isso, sujeitos a condições desumanas num sistema judicial já de si frágil. Muni era o rosto do homem comum que via no crime ou na revolta uma via para ganhar voz e lutar pela sua sobrevivência nessa “cockeyed caravan” que era a América ainda sob o efeito da Grande Depressão – isto para citar a expressão com que fecha outro extraordinário filme, intitulado **Sullivan’s Travels** (1941), sobre os danados da vida, desta feita, produzido pela Paramount e com a assinatura inconfundível de Preston Sturges.

Muni é um “homem-criança” com o coração na boca, sem um pingão de cinismo e tomado por uma força e energia inesgotáveis. Quando Joe, acamado e febril, diz que vai convencer os seus camaradas mineiros a voltarem para as ruas, acreditamos nele, mesmo que a situação lhe seja, naquele momento, altamente desfavorável. A sua ação desesperada gera estupefação pela coragem e ousadia: só este homem simples mas impetuoso poderia fazer do sacrifício da mina – e do seu próprio sacrifício – um tão furioso ato de revolta. A força da interpretação de Muni participa de uma ideia de genuinidade associada ao homem comum tal como tradicionalmente representado *on screen* por algum cinema engajado da época. King Vidor, outro realizador de forte ímpeto social, ou até socialista, é citado, ao jeito de uma comparação, no final da crítica de Andre Sennwald para dar conta da singularidade e potência do gesto de Michael Curtiz, que faz da batalha sindical motivo de uma obra de pulsão operática e de uma narrativa quase coral, tão humilde quanto sumptuosa: “Com todas as probabilidades, **Black Fury** é a experiência mais notável do drama social americano desde **Our Daily Bread** (1934)”. Uma afirmação/comparação também ela algo temerária que, sob o ângulo da intensidade dramática e a eficácia da mensagem política, e pese embora o final abrupto e incongruente *happy*, podemos bem subscrever.

Luís Mendonça